

O MUSEU DO(S) ÍNDIO(S): A TRANSPLANTAÇÃO AMAZÔNICA DOS MUNDURUCU E POVOS CARIBE PARA O AGRESTE PARAIBANO*

THE INDIAN(S) MUSEUM: THE AMAZON
TRANSPLANTATION OF THE MUNDURUCU
AND CARIBE PEOPLES TO THE AGRESTE
REGION OF PARAÍBA

Joanan Marques de Mendonça¹

Juciene Ricarte Apolinário²

Resumo

O Museu do Índio, sediado no Convento de Santo Antônio na cidade de Lagoa Seca-PB, abriga uma importante coleção artística dos Mundurucu e povos Caribe, fundado pelos religiosos Franciscanos em 1996. A sua existência se dá graças ao processo de territorialização ocorrida nos anos de 1906 e 1964 pelos missionários, do qual resulta na exposição de 1.200 peças. O presente estudo tem como objetivo fazer uma análise sobre os impactos causados pelo acervo na região, levando em consideração a existência de grupos indígenas no estado, cujo processo de emergência étnica se configura numa conflituosa construção identitária, levando em consideração a imagem estereotipada mantida por muitos, em contraposição à imagem de “índio” idílico, próprio da região amazônica. A discussão parte do pressuposto de que se tratando da luta dos grupos étnicos locais, que desprovidos de parte do seu território e de contrastividade cultural, devido sua situação de antigo contato, careça de um espaço no Museu que evidencie a sua existência e luta, podendo, dessa forma, contribuir na visibilidade dos grupos locais.

Palavras-chave: indígenas amazônicos; indígenas nordestinos; museu do índio.

Abstract

The Museum of the Indian, located in the Convent of St. Anthony in the city of Lagoa Seca-PB, houses an important artistic collection of the Mundurucu and Caribe peoples, founded by Franciscan religious in 1996. Its existence is thanks to the process of territorialisation that took place in 1906 and 1964 by the missionaries, which resulted in the exhibition of 1,200 pieces. The present study aims to make an analysis of the impacts caused by the collection in the region, taking into consideration the existence of indigenous groups in the state, whose process of ethnic emergency is configured in a

* A proposta desse artigo surgiu a partir de uma visita ao Museu no ano de 2019.

¹ Professor mestre – ORCID <https://orcid.org/0000-0003-0310-4721> Pelo Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG - Rua Aprígio Veloso, 882, Bairro Universitário, CEP: 58.429-900, Campina Grande, Paraíba, Brasil. E-mail: joananmarques@hotmail.com

² Professora doutora – ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1142-7133> Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História – Universidade Federal de Campina Grande – UFCG - Rua Aprígio Veloso, 882, Bairro Universitário, CEP: 58.429-900, Campina Grande, Paraíba, Brasil. E-mail: apolinarioju18@gmail.com



conflictive construction of identity, taking into consideration the stereotyped image maintained by many, in opposition to the image of an idyllic Indian, proper to the Amazon region. The discussion is based on the assumption that, in the case of the struggle of local ethnic groups, which lack part of their territory and cultural contrastivity, due to their situation of old contact, lack a space in the museum that highlights their existence and struggle, thus, being able, to contribute to the visibility of local groups.

Keywords: Amazonian indigenous people; indigenous people from the Northeast; museum of the indian.

O museu do índio

O Museu do Índio nasce não como um Museu, e sim, a partir de uma Coleção particular reunida por religiosos na região Norte³, em especial no estado do Pará, que coletaram materiais oriundos de diferentes grupos étnicos, cujo contato se deu por meio da sua ação pastoral, como também das expedições realizadas no Alto Trombetas pelos frades Marcelo Gercken, Protásio Friel e Thomas Kockmeyer desde a década de 1940. Entre as funções de um Museu, consiste no fato de ele ser palco para “encenação de identidades forjadas por relações de poder sedimentadas pelo tempo desde a colonização⁴”. Bem antes da fundação do Museu do Índio em 1996, o acervo etnográfico foi mencionado no livro de Crônicas do Convento de Santo Antônio de Lagoa Seca-PB no ano de 1951, registrando em sete linhas a chegada das primeiras peças Mundurucu⁵, cuja presença religiosa se fazia por meio de uma Missão assumida em 1906. A maior parte da coleção é proveniente do contato estabelecido com os indígenas da família linguística Caribe, principalmente os Kaxuayana da cidade de Oriximiná-PA na década de 1940.

³ Pomian (1984) define uma Coleção particular como um conjunto de objetos mantidos temporária ou definitivamente fora de uma atividade econômica, com local protegido e apropriado ao público. Em relação ao Museu, o autor ressalta que diferente das coleções particulares que podem dispersar-se após a morte de seus donos, o museu pode sobreviver às partilhas de herança e oscilações econômicas. Os Museus surgiram no século XVII a partir de doações de coleções privadas POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: **Enciclopédia Einaudi**, História-Memória. Vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, 51-86.

⁴ BRULON, Bruno. **Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para repensar os museus.** Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/KXPYHFZfFNqtGd9by39qRcr/> > Acesso em: 21 de set. de 2024. p.3.

⁵ Livro de Crônicas do Convento de Santo Antônio de Lagoa Seca (Convento de Ipuarana). Manuscrito. Guardianato. Não paginado. 1940-1996.



Como evidenciado no mesmo documento, frei Thomas Kockmeyer, antes de se dedicar às expedições de contato, fora prefeito do Colégio Seráfico Franciscano no Convento de Santo Antônio de Lagoa Seca-PB, justificando desse modo o envio de material etnográfico para que os estudantes tivessem acesso às informações sobre os indígenas amazônicos, “transplantando” para região do Agreste paraibano um conjunto de objetos que reforçariam estereótipos e a concepção de ‘índio puro’ na sua exposição no Museu. O pesquisador Bruno Brulon no estudo, *Descolonizar o pensamento museológico*, define um Museu como um espaço capaz de “encenar o Outro construindo distâncias invisíveis entre quem vê e quem é visto, quem produz e quem consome, ou quem pensa e quem é objeto de pensamento”⁶, materializando desse modo uma forma de regime colonial.

A exposição etnográfica testemunha a presença dos frades alemães na Amazônia e imprime nos jovens estudantes a ideia de que os indígenas precisam ser cristianizados. A utilização do acervo indígena como método de propaganda pelos missionários se fez muito eficiente na década de 1970, com a existência da Missão Tirió, quando os frades na intenção de mecanizar os campos de cultivos da Missão, fizeram uso da imagem estereotipada existente sobre os indígenas para angariar recursos. Assim, ao buscar difundir o seu trabalho missionário, os frades fizeram uso de veículos comunicação religiosa e não religiosa como revistas e jornais⁷, venda de objetos indígenas nos conventos Franciscanos e o envio de peças para exposição em Museus do Brasil e na Alemanha⁸.

No relato de viagem de frei Thomas Kockmeyer, *Die Expedition zu den Tyrió-Indianern*, o religioso ressalta o fascínio pela fauna e flora amazônica, principalmente quando comparadas com os tipos de espécies existentes na Alemanha⁹. Como muitos viajantes coloniais europeus, o contato com o diferente

⁶ BRULON, Bruno. **Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para repensar os museus.** Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/KXPYHFZfFNqtGd9by39qRcr/> > Acesso em: 21 de set. de 2024. p. 3.

⁷ JENSSEN, Martin. Abenteuer Amazonas ietzter teil: die straÙe nach Tirio kommt viel zu früh. Fix und Foxi, Munique, 1972, n° 46, pp, 18-19; **Revista Esso. Tiriós: mundo nôvo.** Revista Esso, Rio de Janeiro, 1967. ano 30, N°3, pp. 01-04.

⁸ FRIKEL, Protasio. **Brasilien: Tirió-Indianer. Forum der Völker.** Missionsmuseum der Franziskaner, Wehl, p. 1-4, 1974.

⁹ KOCKMEYER, Thomas. Die Expedition zu den Tirió-Indianern. In: Adveniat. Kirche und Indianer: Berichte und Dokumente aus Brasilien. **Adveniat.** ALE, n. fasc, 19, p. 74-84, s.d.



revelou um mundo novo e exótico, despertando a curiosidade para as peculiaridades dos povos étnicos, assim como para a existência de grandes animais como besouros, cobras, onças e jacarés. O avanço da fronteira econômica e os contínuos contatos desordenados estimulou a aproximação dos religiosos aos grupos étnicos da área de atuação paroquial¹⁰. Ao buscar estender sua ação missionária entre tais grupos a partir da formação de uma Missão, em contraposição à crescente presença evangélica na região¹¹, coletaram elementos culturais de povos, que paulatinamente se viram ameaçados pela presença de exploradores. Os autores SANJAD, LÓPEZ-GARCÉS, COELHO, SANTOS e ROBERT no estudo sobre o acervo Mebêngôkre do Museu Goeldi, ressaltam algo muito importante no processo de coleta de materiais étnicos nos séculos XIX e XX: “ao mesmo tempo em que o Estado patrocinava a expulsão dos indígenas de suas terras, temia-se o seu desaparecimento com o avanço da “civilização” pelo sertão do país”¹², produzindo entre os colecionadores um movimento de registro dos aspectos culturais e a coleta de objetos dos povos contatados.

Desse modo, a partir do seu acervo, o Museu proporciona uma narrativa ‘evolucionista’ e ‘a-histórica’ dos povos em questão, que ‘vencidos’ e ‘silenciados’ passaram a ter suas histórias contadas por outrem. Parafraseando Doxtator, Michel Ames diz que

O uso de símbolos por não indígenas opera dentro de uma sociedade hierárquica que se baseia no princípio da desigualdade econômica e social. Desde o dia em que as crianças começam sua vida escolar, elas passam a ser classificadas e julgadas de acordo com o desempenho escolar, as habilidades atléticas e a criatividade. Não é de estranhar, então, que as imagens que os não indígenas tenham dos indígenas encontram-se em um

¹⁰ Os religiosos estavam ligados à Prelazia de Santarém e atendiam fiéis de diferentes cidades. Motivados pelo ímpeto missionário, o contato com os povos indígenas acontecia no âmbito do território paroquial, incentivados pelo desejo da conversão mediante avançavam os exploradores na região. O interesse cultural é um aspecto a ser destacado, principalmente, pelos inúmeros trabalhos publicados pelos religiosos Friel (1970, 1971, 1973) e KOCKMEYER (Sd).

¹¹ O documento intitulado “Fundação de uma Missão Karib” de 1947, Protásio Friel escreveu aos seus superiores acerca da necessidade de se estabelecer uma Missão entre os povos karib devido à crescente presença evangélica na região. O religioso argumenta que seria vantajosa a expansão do seu trabalho pelos indígenas pertencerem a grupo cuja língua e o território já vinham sendo estudados.

¹² SANJAD, Nelson; LÓPEZ-GARCÉS, CLAUDIA LEONOR; COELHO, Matheus Camilo; SANTOS, Roberto Araújo; ROBERT, PASCALE DE. Para além do colonialismo: a sinuosa confluência entre o Museu Goeldi e os Mebêngôkre. ANAIS DO MUSEU PAULISTA, v. 30, p. 7, 2022.



extremo ou outro do espectro de “classificação” ou índios são vistos como “selvagens” inferiores à civilização¹³.

Segundo informações disponíveis no Museu do Índio, em 1978 o acervo passou por um processo de organização com a colaboração da Universidade Federal da Paraíba e da Fundação Nacional de Artes (FUNARTE), mantendo nesse período sua exposição dentro do Convento¹⁴. Somente em 1996, o Museu adquire um espaço próprio, nas dependências do Convento, e assume o formato atual com sua coleção restaurada.

Para além de um olhar estereotipado, ainda comum no nosso tempo, o acervo se manifesta como um mistério para aqueles que o visitam, tanto pela falta de domínio cultural expresso na narrativa contada pelos membros do Museu, como devido à lacuna existente entre as peças e o cotidiano de seus proprietários originais, cujo sentido simbólico se esconde no limitado olhar de seus interpretadores. Alguns objetos expostos no Museu foram retirados do cotidiano e trazem os sinais de fumaça, gordura e cores desgastadas¹⁵, e que, por se encontrarem distantes de seus idealizadores, revelam pouco sentido para esses visitantes, levando-os a diferentes interpretações. Os objetos introduzidos expressam a coleta em duas fases: aquela adquirida no momento do contato e que revela sua função utilitária; e a produção criada para fins comerciais, que foi ulteriormente explorada por incentivo dos religiosos na Missão. Esses dois aspectos relacionados ao acervo do Museu, com objetos utilitários e comerciais, também são apontados no estudo de cestaria sobre os Wai Wai, dos pesquisadores Igor Rodrigues e Meliam Gaspar, *Tecnologias de trançados e cerâmicas dos Wai Wai em coleções etnográficas*. Os autores concluem, após visitar algumas coleções Wai Wai, que

¹³ AMES, Michel. Cannibal tours, glass boxes e a política da interpretação. In: OLIVEIRA, João Pacheco & SANTOS, Rita de Cássia Melo (Orgs.). **De acervos coloniais aos museus indígenas: formas de protagonismo e de construção da ilusão museal**. João Pessoa: UFPB, 2019, p. 55.

¹⁴ O museu funcionava no colégio seráfico e tinha alguns jovens estudantes como guias. Os visitantes tinham acesso ao acervo nos finais de semanas e, geralmente, esse público era oriundo das cidades vizinhas, principalmente, de Campina Grande.

¹⁵ Os frades priorizaram inicialmente a coleta de material que estava sendo usado pela comunidade. Entretanto, com o incentivo de uma produção artesanal, foram adicionadas obras na coleção cuja finalidade era o comércio.



Após 1970, a maioria das peças insere-se no contexto de produção para venda. A Artíndia, loja brasileira criada nesse período, estimulou o aumento quantitativo da manufatura de alguns objetos em detrimento de sua qualidade (velthem 1982). Até os objetos adquiridos nas aldeias por pesquisadores nesse momento derivam desse contexto. Isso é visível nos traçados bicrômicos Wai Wai, cujos exemplares mais recentes exibem padrões gráficos menos simétricos se comparados aos mais antigos¹⁶.

A demanda comercial exigida pela Artíndia proporcionou, no caso dos Wai Wai, uma mudança na qualidade dos produtos, fazendo-os atender novos anseios culturais e quantitativos. A exemplo de outros Museus étnicos, o acervo criado pelos frades traz uma imagem de um indígena em extinção e domesticado, no qual lhes é negado quaisquer formas de protagonismo. Assim,

O exotismo e o primitivismo são ali apresentados através da representação da alteridade “a realidade amazense” _ que reitera a ideia de uma distância espaço-temporal (FABIAN, 1983), reforça estereótipos e legítimas práticas coloniais¹⁷.

No Museu, os indígenas não têm evidenciado a sua história, muito pelo contrário, eles são apresentados como selvagens, bárbaros e desprovidos de civilização. Não há espaço no Museu para uma a narrativa real do universo dos indígenas retratados, no que se refere, por exemplo, às constantes lutas por direitos e questões fundiárias, presentes nas notícias de jornais e nos relatórios administrativos¹⁸.

¹⁶ RODRIGUES, Igor M. Mariano & GASPAR, Meliam Viganó. **Tecnologias de trançados e cerâmicas dos Wai Wai em coleções etnográficas**. Disponível em: < <https://journals.iai.spk-berlin.de/index.php/indiana/article/view/2799> > Acesso em: 06 de mar. de 2024.

¹⁷ MURA, Claudia. A construção de uma tradição de glória: técnicas expositivas e práticas discursivas dos frades capuchinhos no Museu do Índio da Amazônia (Assis, Itália). In: OLIVEIRA, João Pacheco; SANTOS, Rita de Cássia Melo (Orgs.). **De acervos coloniais aos museus indígenas: formas de protagonismo e de construção da ilusão museal**. João Pessoa: UFPB, 2019, p. 129.

¹⁸ OLIVEIRA, João Pacheco; SANTOS, Rita de Cássia Melo. Decolonizando a ilusão museal: etnografia de uma proposta expositiva. In: OLIVEIRA, João Pacheco; SANTOS, Rita de Cássia Melo (Orgs.). **De acervos coloniais aos museus indígenas: formas de protagonismo e de construção da ilusão museal**. João Pessoa: UFPB, 2019, p. 397-434.



A representação étnica no Museu é bastante diversificada, abrigando obras de arte dos Mundurucu, Kaiapó¹⁹, Kaiabi²⁰, Apiaká²¹, Nambikwara²² e Pataxó, sendo este último a única representação do Nordeste. A família Caribe está representada nas obras os Kaxuayana, Arara, Waiwai, Aparai, Parokotó e Tiriyo. Tendo em vista o intrincado acervo existente, não é objetivo do presente trabalho desenvolver uma análise minuciosa acerca da origem e funcionalidade da coleção do Museu, reservando a trabalhos futuros uma discussão mais detalhada, principalmente no que se refere à existência de cerâmicas do período pré-colombiano. Entretanto, mesmo diante de um acervo tão diverso, no qual são contempladas obras de diferentes troncos, o Museu atribui grande parte da sua coleção aos grupos nos quais os missionários estabeleceram Missões, os Mundurucu e Tiriyo/Kaxuayana, invisibilizando na exposição à origem étnica das peças²³ dos outros representados²⁴.

Todavia, se fôssemos nos deter na identificação étnica dos objetos tendo como referencial o seu local de aquisição, nos depararíamos com uma variante análise, haja vista a existência de uma rede²⁵ de trocas de saberes, pessoas e

¹⁹ Os Kaiapó pertencem à família linguística Jê, do tronco macro-jê. O território Kaiapó está situado no Estado do Pará, no Parque Indígena Kayapó. Há uma enorme distância entre esse povo e a Missão Munduruku. Não existe informação de como os objetos chegaram no Museu. Povos indígenas no Brasil: Mebêngôkre (Kayapó). Disponível em: < [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Mebêngôkre_\(Kayapó\)](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Mebêngôkre_(Kayapó)) > acesso em: 20 de out. de 2019.

²⁰ Os Kaiabi são da família linguística tupi-guarani. Devido à existência de conflitos com seringueiros e fazendeiros no seu território, os Kaiabi foram levados para o Parque do Xingu- MT pelos irmãos Villas Boas na década 1960, onde vive a maior parte do grupo. Uma pequena parcela vive no território tradicional, hoje o Parque Indígena Apianká-Kaiabi. Tudo indica que a sua arte tenha chagado no Museu através dos frades da Missão Munduruku, por sua proximidade com o referido povo. Povos indígenas no Brasil: Kaiabi. Disponível em: < <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kaiabi> > acesso em: 20 de out. de 2019.

²¹ O seu território tradicional compreende parte dos estados de Mato Grosso e Pará. Representado no Museu com apenas 5 peças, possivelmente, os seus objetos tenham chegado ao museu devido sua relação e proximidade com os Munduruku. Povos indígenas no Brasil. Apiaká. Disponível em: < <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Apiaká> > acesso em: 05 de nov. de 2019.

²² Tem o seu território nos estados de Mato Grosso e Roraima, foram contatados por Rondon em 1907. Não há informações da introdução de 2 bordunas no Museu. Povos indígenas no Brasil. Nambikwara. Disponível em: < <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Nambikwara> > acesso em: 05 de nov. de 2019.

²³ A origem étnica das peças e a sua quantidade está registrado em um inventário sem data, que descreve o tipo de objeto, povo, tamanho, utilidade, forma e nome (língua indígena e portuguesa). Esse documento encontra-se no guardianato do convento.

²⁴ Quiçá essa omissão deva-se em parte à falta de organização na qual se estruturou o museu.

²⁵ Os indígenas que habitam na fronteira com as Guianas nos estados do Pará, Amapá e Roraima, desenvolveram ao longo dos séculos uma intrínseca relação entre si (redes de relações), resultando na troca de saberes, mulheres, conflitos e técnicas. A circularidade dos seus produtos podiam percorrer grandes distâncias e alcançar grupos étnicos geograficamente longínquos, possibilitando, de certa forma, o acesso e uso de instrumentos historicamente não produzidos por



objetos, há muito presente na região de fronteira com as Guianas, dificultando uma afirmação precisa sem que levássemos em conta essa possibilidade²⁶. Isso pelo fato, possivelmente, terem sido introduzidas na coleção obras que os missionários atribuíram a origem a grupos contatados, apesar de sua origem técnica ou produtiva, na realidade, muitas vezes se referisse a outrem.

O Museu do Índio e seus espaços

Em relação ao uso do espaço físico do Museu, podemos ver que se trata de uma construção pequena e modesta. O Museu do Índio, instituído em 1996, atualmente organizado com quatro salas conserva na sua composição a organização feita por profissionais da Universidade Federal da Paraíba e da FUNARTE²⁷. O Museu abriga no salão de entrada uma coleção de cerâmicas do baixo Tapajós com formas antropomorfos e zoomorfos, além de vasos em formato geométrico com relevos. Essas obras representam uma importante contribuição para a Arqueologia, devido à condição em que se encontram as peças, assim como a existência de inúmeros fragmentos decorativos. Entre a coleção de cerâmica se destaca uma urna²⁸ funerária de 0,64cm de altura por 0,69cm, mas que está sem nenhuma descrição. A coleção arqueológica também dispõe de algumas pedras que foram usadas como machados, que estando presas a uma vara, desempenhavam tarefas cotidianas. O acervo não é datado e faz referência genérica aos grupos indígenas do baixo Tapajós, não oferecendo quaisquer tipos de informações sobre os achados arqueológicos na exposição, o seu lugar de origem e como foram adquiridas essas peças.

um determinado grupo (GALOIS, 2005; GRUPIONI, 2009). A coleta feita pelos frades nessa região ocorreu no período de contato (karib), no início da década de 1940 e se intensificou com a formação da Missão Tiriyo a partir de 1964.

²⁶ GALLOIS, Dominique Tilkin (Org). Redes de relações nas Guianas. São Paulo: FAPESP, 2005; GRUPIONI, Denise Farjado. Arte visual dos povos Tiriyo e Kaxuyana: padrões de uma estética ameríndia. São Paulo: IEPÉ, 2009.

²⁷ Foram realizadas visitadas ao Museu no ano de 2019.

²⁸ Em comparação com outras urnas funerárias descobertas no baixo Tapajós, vimos que há uma diferença entre as peças, aproximando a obra do museu do formato de um pote usado para armazenar água o bebidas rituais.



Imagem 01 – Cerâmica Mundurucu



Crédito pela imagem: Igor Mariano Rodrigues

Na segunda sala, o visitante é recepcionado por um indígena com um ‘cocar’, em formato de busto, alguns bancos decorados com imagens de animais, tipitis²⁹, tipoias³⁰, redes, urupembas, abanadores, bolsas, esteira (feita de fibra de árvore), corda (fibra), tocha (a base de cera) cestos, colheres de pau, enfeites, raladores e vasos de cerâmica (panelas). A exposição dessa sala, como todo o Museu, carece de maior descrição para os objetos. Nota-se na exposição que os objetos de palhas, em especial os cestos e os tipitis, foram introduzidos no Museu em períodos diferentes, tornando-se evidente pela tonalidade de suas cores e pela desintegração das palhas. As tipoias, por sua vez, feitas de algodão, apresentam o mesmo sinal de desgaste, sendo que a cor branca do algodão denuncia o tempo do objeto, o que nos leva a concluir que os mais claros foram introduzidos posteriormente.

²⁹ O tipiti é um instrumento feito de palhas e é usado como prensa para extrair o líquido (tucupi) da mandioca.

³⁰ A tipoia é produzida de tecido de algodão e comumente é usada para posicionar a criança no cólon da mãe, permitindo que ela se movimente com maior naturalidade.



Imagem 02 – Conjunto de cestos Mundurucu



Crédito pela imagem: Igor Mariano Rodrigues

Na terceira sala o foco da apresentação é a foto da celebração eucarística presidida por Frei Thomas Kockmeyer entre os Tiriyo em dezembro de 1958. A imagem evoca o agradecimento a Deus pelo sucesso do contato, em tamanho de 2m por 2,090cm, e nos recorda a primeira missa no Brasil entre os Tupiniquins em 1500, presidida pelo também franciscano, Frei Henrique de Coimbra, de Vitor Meirelles de 1860. A imagem corrobora para a concepção da cristianização da cultura indígena, reforçando a ideia de vitória da cruz sobre o rito “pagão”, sendo apoiada pela exposição do material catequético em língua Mundurucu e Tiriyo, a exemplo de manuais de catequese, livros de cânticos e algumas orações do missal. A sala abriga também flautas, pequenos remos, pequenos tipitis, pequenos arcos, colheres de pau, adornos de penas, colares de sementes e de miçangas, pentes e um tambor.



Imagem 03 – Flauta (0,12cm)



Crédito pela imagem: Igor Mariano Rodrigues

O último salão abriga uma diversificada coleção de pele animal. A exposição está organizada para impressionar os visitantes, evidenciando a Amazônia com seus animais exóticos através de suas gigantescas cobras, felinos, tamanduás e jacarés (empalhados). A exposição destaca os diferentes crânios de macacos e de tamanduá, veado e de anta, assim como chifres de búfalos e uma enorme presa de elefante (marfim). A parede é decorada com flechas em formato de meia lua, com destaque para aquelas de cor preta, sinal da presença de curare, veneno utilizado para matar grandes animais e, em caso de conflitos, atacar os grupos inimigos. As flechas expostas são as mais variadas e revelam suas diferentes utilidades, sendo elas apresentadas com formas específicas e objetivos distintos, podendo ser utilizadas para se abater pássaros grandes, macacos, peixes, guerrear, caçar animais de grande porte, médio e pequeno. As diferenças das pontas das lanças revelam a sua eficácia, podendo ser construídas de ossos, com três pontas (sem penas), com ponta de ferro, com gancho de madeira, com ponta de taquara, com arpão de ferro solto (essa flecha está quebrada), com ponta em três lados e com ponta envenenada. O tamanho das lanças varia entre grandes e médias, e são utilizadas segundo a necessidade do momento.



Imagem 04 – Canoa, couros e flechas



Crédito pela imagem: Igor Mariano Rodrigues

Tomando grande parte da sala, uma canoa chama a atenção por seus mais de 6m de comprimento. Trata-se de uma canoa produzida por não indígenas. Devido à falta de informações, não podemos afirmar se ela foi utilizada para o contato com os Tiriyo em 1958, descrita no texto de Frei Thomas Kockmeyer com o título *Die Expedition zu den Tiriyo-indianern*³¹.

A maior parte dos visitantes do Museu vem de colégios do município de Lagoa Seca, como também de colégios das cidades vizinhas. Em representação menor, estão os visitantes de outros estados e de alguns países, a exemplo da Rússia, Alemanha e Portugal. O caderno de visita registrou, entre os anos de 1979 e 2019, mais de 43.540 pessoas³². Certamente um número pequeno, quando

³¹ KOCKMEYER, Thomas. Die Expedition zu den Tiriyo-Indianern. In: Adveniat. Kirche und Indianer: Berichte und Dokumente aus Brasilien. Adveniat. ALE, n. fasc, 19, p. 74-84, s.d.

³² Não foram encontrados cadernos de registros com referência aos primeiros anos de existência do Museu. O cálculo aproximado se baseia nas assinaturas individuais dos visitantes, não contabilizando o número de pessoas nos grupos escolares.



comparado com outros Museus étnicos, mas bastante significativo tendo em vista a falta de divulgação do Museu por meio de um site³³.

A narrativa produzida pelo Museu do Índio está desvinculada da realidade dos indígenas, não fazendo menção à sua situação étnica atual. O discurso transmitido é de um “índio” morto, inexistente, que não questiona a sociedade com seus brados por justiça³⁴. E que permite, portanto, apenas a contemplação da realidade vivida, expressa por objetos cristalizados, colocando as sociedades indígenas separadas da nossa³⁵.

“Índios” do Nordeste

A inexistência de elementos relacionados aos povos indígenas locais revela a falta de comprometimento do Museu com a realidade indígena³⁶. A ausência de espaço para a reflexão/exposição e a supervalorização da imagem amazônica, reforça o estereótipo de ‘índio puro’, o qual ainda hoje é uma leitura comum sobre os povos étnicos da região.

O não reconhecimento dos indígenas nordestinos como portadores de uma identidade étnica e cultural própria não é apenas uma posição do Museu, mas, como sabemos, trata-se de um projeto político pensado para os povos do antigo contato, que, devido à Lei de Terras de 1850, tiveram paulatinamente os seus direitos à terra negado. Parte disso é também o processo de reclassificação da nomenclatura ‘índio’ para ‘caboclo’, objetivando romper os seus vínculos com os

³³ O Museu do Índio está cadastrado no site do Museu BR do Governo Federal, mas não existem muitas informações sobre o Museu. Disponível em: <<https://cadastro.museus.gov.br/museus/museu-do-indio-lagoa-seca/>> Acesso em: 14 de set. de 2024.

³⁴ OLIVEIRA, João Pacheco; SANTOS, Rita de Cássia Melo. Decolonizando a ilusão museal: etnografia de uma proposta expositiva. In: OLIVEIRA, João Pacheco; SANTOS, Rita de Cássia Melo (Orgs.). **De acervos coloniais aos museus indígenas: formas de protagonismo e de construção da ilusão museal**. João Pessoa: UFPB, 2019, p 397-434.

³⁵ ROCA, Andrea. “Devolver aos indígenas seu lugar na História Argentina”: tempos, temporalidades e histórias no museu etnográfico da cidade de Buenos Aires. In: OLIVEIRA, João Pacheco; SANTOS, Rita de Cássia Melo (Orgs.). **De acervos coloniais aos museus indígenas: formas de protagonismo e de construção da ilusão museal**. João Pessoa: UFPB, 2019, p. 103-126.

³⁶ Tanto os indígenas amazônicos como aqueles que vivem no Nordeste, enfrentam situações de ameaças quanto à integridade do grupo. Se por um lado os indígenas da Amazônia lidam com a invasão dos seus territórios e o exaurimento dos recursos naturais, no Nordeste os indígenas lutam para reconquistar os territórios e expulsar seus invasores. OLIVEIRA, João Pacheco de. **O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.



extintos aldeamentos, criminalizando, por sua vez, suas práticas religiosas e obrigando-os a se camuflar na sociedade civil. Dessa maneira, normalizou-se no discurso oficial o termo ‘índios misturados’, agregando-lhes atributos negativos e desprovidos de contrastividade cultural³⁷.

No que toca à produção intelectual, os indígenas do Nordeste não foram objetos do interesse de pesquisa dos etnólogos. Segundo o antropólogo João Pacheco, dez etnias reconhecidas até a década de 1940, quando mencionadas pelos estudiosos eram classificadas como misturadas na sociedade e caracterizadas por não gozarem de ‘atributos culturais’, principalmente o da língua original³⁸.

Desde a chegada das primeiras peças amazônicas ao Convento em 1951 à sua abertura definitiva ao público como Museu em 1996, com seu novo espaço de exposição, os indígenas do Nordeste trilharam um caminho de bastante insegurança. A construção de uma identidade coletiva, o reconhecimento étnico pelos órgãos oficiais e a reconquista de parte do seu território tradicional marcaram a emergência étnica desses povos, expondo-os, muitas vezes, à sociedade através dos jornais locais, como despossuídos de elementos que atestassem sua herança cultural, fazendo-os sofrer todo tipo de preconceito. Assim sendo,

Os povos indígenas do Nordeste são, dentre a população originária do Brasil, os que mais sofrem com o preconceito e estigmatização. São discriminados por serem considerados “extintos” pelo senso comum e pelos intelectuais, enquanto inversamente são muitas vezes colocados na condição de “inautênticos” (ou falso índios) pelos antropólogos e indigenistas. Esta dupla avaliação negativa ameaça a obtenção de direitos a terra e à assistência³⁹.

³⁷ ARRUTI, José Maurício. Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Etnogêneses_indígenas>. Acesso em 29 de out. 2019; OLIVEIRA, João Pacheco de. **O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

³⁸ Com exceção do povo Funi-ô (Carnijó de Águas Belas-PE) que conseguiu preservar a sua língua, o Iatê, e alguns rituais. Em 1920 os Funi-ô receberam a instalação do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), reconhecendo sua etnicidade, dando início a uma série de pedidos dos grupos vizinhos com os quais havia relações rituais e matrimoniais, para que fosse iniciado um processo de reconhecimento étnico e, conseqüentemente, receber a instalação do Órgão do governo (ARRUTI, Sd).

³⁹ OLIVEIRA, João Pacheco; SANTOS, Rita de Cássia Melo. Decolonizando a ilusão museal: etnografia de uma proposta expositiva. In: OLIVEIRA, João Pacheco; SANTOS, Rita de Cássia



Quanto aos indígenas do estado, o processo de reorganização social e cultural do povo Potiguara (região Norte do estado), por exemplo, teve início somente no final da década de 1970, quando os indígenas passaram a atuar em diferentes frentes, protagonizando algumas conquistas numa difícil campanha pelo reconhecimento do Território ancestral. A valorização do antigo território, por se encontrar em posse dos usineiros e na região de praia, dificultou em muito a disputa, devido à sua característica rentável. A certeza indígena do seu vínculo com o território, assegurado ainda no período colonial, motivou a luta do grupo pela reconquista, reunindo muitas famílias de caboclos dispersas na região. O processo de luta foi marcado por muitas violências, sendo elas a destruição de lavouras, assassinatos, desmatamentos, cortes de cercas, derrubadas de casas e expulsão de famílias indígenas. A demarcação ocorrida nos anos de 1983, 1988 e 2004, foi o resultado de inúmeras idas a Brasília e atos de autodemarcação no território, fazendo desse povo um sinal de protagonismo, mesmo encontrando na sociedade uma organizada força opositora ao interesse do grupo⁴⁰.

O mesmo se aplica ao povo Tabajara, habitantes da região Sul do estado, cujo processo de luta se estende aos nossos dias. O grupo, que na década de 1970 foi assentado pelo Instituto Nacional de Colonização e de Reforma Agrária (INCRA), vem lutando incansavelmente pelo reconhecimento étnico, adquirido somente em 2010 pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), e tem se destacado ao manifestar sua oposição à exploração e instalação de indústrias no seu território ancestral. Mesmo não fazendo uso total de suas terras, a maior conquista vem sendo a reorganização cultural feita através do fortalecimento dos rituais, favorecendo dessa forma, o aprofundamento cosmológico⁴¹.

Melo (Orgs.). **De acervos coloniais aos museus indígenas: formas de protagonismo e de construção da ilusão museal.** João Pessoa: UFPB, 2019, p. 399.

⁴⁰PALITOT, Estevão. Povo indígena Potiguara. Disponível em: <<https://osbrasisesuasmemorias.com.br/biografia-manoel-santana-e-pedro-ciriaco/>>. Acesso em 04 de nov. de 2019.

⁴¹Indígenas Tabajara lutam por regularização de território tradicional. Disponível em ><http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/?conflito=pb-indigenas-tabajara-lutam-por-regularizacao-de-territorio-tradicional> < acesso em 04 de nov. de 2019.



Considerações finais

A situação de antigo contato e o interesse econômico sobre seu território foi o motivo pelo qual os indígenas locais sofreram com o não reconhecimento de suas culturas, propagando-se a ideia na sociedade de ‘índios misturados’, reservando o direito de pureza somente àqueles que vivem no território amazônico. Longe do fim, muitos grupos étnicos enfrentam hoje essa mesma realidade, vivendo em estado de tensão em relação aos habitantes das cidades e/ou empresários, que não reconhecendo os seus direitos, promovem um discurso de ódio e negação. A disputa marginaliza os grupos étnicos que, em alguns casos, são obrigados a esconder a sua origem ao habitar individualmente na cidade, evitando conflitos por conta de sua herança cultural.

Buscando reverter essa concepção estereotipada e negativa, o Museu do Índio pode ser um espaço de construção de conhecimento, oportunizando a fala daqueles que no Museu estão representados, fomentando uma discussão a sua situação social e de luta, apresentando um indígena vivo com seus novos desafios, como ressaltam Oliveira e Santos⁴². E ainda, como afirma a antropóloga Andrea Roca:

Os museus etnográficos podem, então, deixar de ser um depósito de memórias e acervos coloniais para se projetar, diferentemente, como um lugar de novidades e estratégias, de horizontes políticos e de invenção da cultura, dando outros sentidos e porque às memórias e aos presentes traçados a partir dos objetos⁴³.

Pretendemos com este artigo contribuir para a construção de um espaço onde as pessoas discutam sobre aquilo que não foi selecionado pelo Museu do Índio, compreendendo a necessidade de debate sobre a história atual dos povos indígenas e suas lutas. Assim, o Museu deixará de promover uma narrativa de

⁴² OLIVEIRA, João Pacheco; SANTOS, Rita de Cássia Melo. Decolonizando a ilusão museal: etnografia de uma proposta expositiva. In: OLIVEIRA, João Pacheco; SANTOS, Rita de Cássia Melo (Orgs.). **De acervos coloniais aos museus indígenas: formas de protagonismo e de construção da ilusão museal**. João Pessoa: UFPB, 2019, p 397-434.

⁴³ ROCA, Andrea. “Devolver aos indígenas seu lugar na História Argentina”: tempos, temporalidades e histórias no museu etnográfico da cidade de Buenos Aires. In: OLIVEIRA, João Pacheco; SANTOS, Rita de Cássia Melo (Orgs.). **De acervos coloniais aos museus indígenas: formas de protagonismo e de construção da ilusão museal**. João Pessoa: UFPB, 2019, p. 122.



pessoas ‘vencidas’ e distantes transplantadas para o agreste paraibano, para tornar-se um ponto de partida na valorização dos diversos povos e suas culturas.

Data de submissão: 29/03/2024

Data de aceite: 02/09/2024

Fontes documentais

Protásio Friel. Relatório: Fundação de uma Missão karib. [S.l.] 1947, p. 31. (Arquivo Provincial, Recife. Pasta sobre a Missão Tiriyo, assunto conventos e paróquias).

Livro de Crônicas do Convento de Santo Antônio de Lagoa Seca (Convento de Ipuarana). Guardianato. Não paginado. 1940-1996.

Museu do índio – ficha catalográfica. Convento de Santo Antônio- Guardianato.

Referências

AMES, Michel. Cannibal tours, glass boxes e a política da interpretação. In: OLIVEIRA, João Pacheco & SANTOS, Rita de Cássia Melo (Orgs.). **De acervos coloniais aos museus indígenas: formas de protagonismo e de construção da ilusão museal**. João Pessoa: UFPB, 2019, p. 55.

ARRUTI, José Maurício. Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Etnogêneses_indígenas > acesso em 29 de out. 2019;

BRULON, Bruno. Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para repensar os museus. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/anaismp/a/KXPYHFZfFNqtGd9by39qRcr/> > Acesso em: 21 de set. de 2024. p.3.

FRIKEL, Protasio. **Brasilien: Tiriio-Indianer. Forum der Völker**. Missionsmuseum der Franziskaner, Wehl, p. 1-4, 1974.

GALLOIS, Dominique Tilkin (Org). **Redes de relações nas Guianas**. São Paulo: FAPESP, 2005;

GRUPIONI, Denise Farjado. **Arte visual dos povos Tiriyo e Kaxuyana: padrões de uma estética ameríndia**. São Paulo: IEPÉ, 2009.

JENSSEN, Martin. Abenteuer Amazonas letzter teil: die straÙe nach Tiriio kommt viel zu frÙh. Fix und Foxi, Munique, 1972, n° 46, pp, 18-19; **Revista Esso. Tiriós: mundo nôvo**. Revista Esso, Rio de Janeiro, 1967. ano 30, N°3, pp. 01-04.



KOCKMEYER, Thomas. Die Expedition zu den Tiriyó-Indianern. In: **Adveniat. Kirche und Indianer: Berichte und Dokumente aus Brasilien**. Adveniat. ALE, n. fasc, 19, p. 74-84, s.d.

MURA, Claudia. A construção de uma tradição de glória: técnicas expositivas e práticas discursivas dos frades capuchinhos no Museu do Índio da Amazônia (Assis, Itália). In: OLIVEIRA, João Pacheco; SANTOS, Rita de Cássia Melo (Orgs.). **De acervos coloniais aos museus indígenas: formas de protagonismo e de construção da ilusão museal**. João Pessoa: UFPB, 2019, p. 129.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

OLIVEIRA, João Pacheco; SANTOS, Rita de Cássia Melo. Decolonizando a ilusão museal: etnografia de uma proposta expositiva. In: OLIVEIRA, João Pacheco; SANTOS, Rita de Cássia Melo (Orgs.). **De acervos coloniais aos museus indígenas: formas de protagonismo e de construção da ilusão museal**. João Pessoa: UFPB, 2019, p. 397-434.

PALITOT, Estevão. **Povo indígena Potiguara**. Disponível em: < <https://osbrasisesuasmemorias.com.br/biografia-manoel-santana-e-pedro-ciriaco/> > acesso em 04 de nov. de 2019.

Povos indígenas no Brasil: Kaiabi. Disponível em: < <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kaiabi> > acesso em: 20 de out. de 2019.

Povos indígenas no Brasil: Kaiabi. Disponível em: < <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kaiabi> > acesso em: 20 de out. de 2019.

Povos indígenas no Brasil. Apiaká. Disponível em: < <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Apiaká> > acesso em: 05 de nov. de 2019.

ROCA, Andrea. “Devolver aos indígenas seu lugar na História Argentina”: tempos, temporalidades e histórias no museu etnográfico da cidade de Buenos Aires. In: OLIVEIRA, João Pacheco; SANTOS, Rita de Cássia Melo (Orgs.). **De acervos coloniais aos museus indígenas: formas de protagonismo e de construção da ilusão museal**. João Pessoa: UFPB, 2019, p. 103-126.

RODRIGUES, Igor M. Mariano & GASPAR, Meliam Viganó. **Tecnologias de trançados e cerâmicas dos Wai Wai em coleções etnográficas**. Disponível em: < <https://journals.iai.spk-berlin.de/index.php/indiana/article/view/2799> > Acesso em: 06 de mar. de 2024.

SANJAD, Nelson; LÓPEZ-GARCÉS, CLAUDIA LEONOR; COELHO, Matheus Camilo; SANTOS, Roberto Araújo; ROBERT, PASCALE DE. Para além do colonialismo: a sinuosa confluência entre o Museu Goeldi e os Mebêngôkre. ANAIS DO MUSEU PAULISTA, v. 30, p. 7, 2022.

